

O passado no presente

BORIS FAUSTO

Não poderia ser mais simbólico e mais lamentável o ato da PM da Bahia, destruindo um monumento modesto que os índios pataxó construíam em suas terras em Coroa Vermelha, como marco tanto da presença indígena pré-colombiana no Brasil quanto da dizimação causada pelos portugueses. Se uma cruz de aço inoxidável —representação de força e perpetuidade— foi implantada no local, por que os pataxós não poderiam expressar, de outro modo, seus sentimentos e sua cultura?

A reação de indignação que a atitude da Polícia Militar baiana despertou é inteiramente justificável, mais ainda quando se sabe que a sensibilidade do grupo indígena fora já profundamente afetada pela morte de um de seus representantes —o índio Galdino—, queimado vivo por uns rapazolas de Brasília.

Enquanto escrevo estas linhas, os desdobramentos do episódio e da marcha que de vários pontos do país se dirige ao local ainda não ocorreram em toda a extensão. Mas já é possível fazer um balanço provisório do rumo que tomaram as comemorações do assim chamado Descobrimento do Brasil.

Não me incluo entre aqueles que reduzem a uma catástrofe histórica a chegada dos portugueses às terras que viriam a ser o Brasil, embora ela tenha esse caráter para as populações indígenas. Por isso, se não é o caso de realizar comemorações que tendem a ocultar o lado espoliativo da colonização portuguesa e a acentuar a versão idílica da harmonia das três raças, também não é o caso de reduzir 500 anos de história deste país a um cortejo infinito de iniquidades.

Comemorações históricas correm o risco talvez inevitável de se transformar em espetáculo, gerando, ao mesmo tempo, protestos pelas mais variadas razões. Isso aconteceu com a celebração da Revolução Francesa, da chegada de Colombo ao continente americano etc.

O aniversário dos 500 anos não foge à regra. Do ponto de vista da organização, depois de tantas incertezas, a competência atribuída ao Ministério do Esporte e Turismo para promover os eventos é incompreensível, a não ser que se queira reduzir as expedições marítimas portuguesas a pacotes turísticos. Falando sério, haveria na forma como o evento foi tratado pelo governo um desprezo pela força do simbólico?

A oportunidade de utilizar o marco dos 500 anos para efetuar uma comemoração, e não uma celebração —o que certamente não era fácil—, foi perdida. Rememorar significaria buscar reavaliar nosso passado de forma crítica, postura que implicaria divergência de pontos de vista e controvérsias, em especial por parte dos grupos que têm razões para estabelecer um nexos entre o passado histórico e sua posição no presente.

Rememorar seria mais ainda uma oportunidade de incentivar uma linha de raciocínio que, na leitura do passado, contraditasse, ao mesmo tempo, duas interpretações: de um lado, um ufanismo enganoso, tão a gosto dos regimes autoritários; de outro, uma visão tenebrosa de desgraças, dos que sonham com algum tipo de utopia messiânica ou revolucionária.

Boris Fausto escreve às segundas-feiras nesta coluna.